

# CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS

ROBERT I. STANDISH (\*)

Com freqüência e sobretudo nos países industrializados, tem-se criticado veementemente os partidários da conservação da Natureza, censurando-os por se aferrarem às opiniões que parecem contrariar as necessidades sociais ou econômicas do momento.

Temos sido acusados de obstrução e, pior ainda, de apelarmos à prudência, quando é aprovado o projeto de construção de um oleoduto através do Alaska, ou planos que visam multiplicar as centrais de energia nuclear, poços de petróleo, no mar, as minas ao descoberto, as ampliações de aeroportos, os planos de colonização nas florestas tropicais, as rodovias, as barragens e outros projetos que acarretam a degradação do ambiente.

Segundo algumas personalidades oficiais de alto nível, fazemos mais mal do que bem, muito embora os nossos interesses não ultrapassem as atividades relativamente «inofensivas», como a convocação de colóquios científicos, a redação de manuais, a observação de pássaros e a preparação de listas de espécies ameaçadas. Nunca — segundo eles — deveríamos nos intrometer nas questões de alcance mais amplo, mas sim deixá-las inteiramente ao arbítrio dos políticos, dos homens de negócios e dos serviços do governo, que são guardiões oficiais do interesse público em matéria de utilização dos recursos.

Também reprova-se freqüentemente as pessoas dedicadas à conservação da

Natureza de manifestarem opiniões que parecem simplistas para aqueles que tão somente se preocupam com o cimento armado.

Ao contrário, para os autores dessas censuras, o mundo deve ficar coberto de asfalto ou de cimento, as árvores relegadas às tinas ou canteiros, os animais encerrados nos parques ou nos jardins zoológicos e a Natureza confinada aos lugares desprovidos de valor perdidos e mais atrasados possíveis. Afirmar por exemplo, que a Natureza intacta encerra riquezas importantíssimas é, aos olhos de muitas pessoas aparentemente inteligentes, um postulado que deriva de um espírito atrasado.

Realmente, na maior parte do mundo observa-se que a tendência dominante é a destruição da Natureza, o consumo dos principais recursos em ritmo sempre crescente, recursos esses aos quais se devem o crescimento econômico e uma relativa prosperidade de uma parte da população do planeta.

Certos defensores da Natureza tem posto em dúvida a validade a longo prazo das teorias econômicas que preconizam um consumo sempre maior e um crescimento contínuo. Durante dezenas de anos eles tem chamado a atenção sobre a iminência dos perigos e sobre a necessidade de moderar o consumo dos recursos não renováveis — inclusive o de solo — e de tomar as precauções na exploração dos recursos renováveis, como as florestas e os cardumes de peixes.

(\*) Tradução de Roberto Tamára (Instituto de Conservação da Natureza).

Essas advertências só raras vezes tiveram uma acolhida favorável, mas as críticas que suscitaram tem sido numerosas.

Enquanto a administração racional dos recursos — tendo-se evidenciado a sua natureza limitada — tem sido adotada como palavra de ordem dos «conservacionistas», os nossos difamadores tomaram o partido oposto, preparando medidas inversas.

Enquanto os «conservacionistas» têm demonstrado o princípio ecológico, segundo o qual a força é o produto da diversidade, os numerosos difamadores têm aconselhado os sistemas de monoculturas, tanto no campo das atividades humanas quanto no da agricultura. Até no campo das idéias tem sido punida a diversidade e perseguidas as opiniões contrárias.

Enquanto os «conservacionistas» têm exigido insistentemente para que os programas de desenvolvimento, cuja necessidade não suscita dúvida alguma em grande número de casos, levem em conta os fatores ecológicos, no seu estágio de planejamento, os nossos difamadores têm, de modo geral, ignorado esse conselho, muito embora tenha sido provado que dessa forma eles poderiam por em choque o sucesso de tais programas. E é engraçado constatar que na hora de se apresentarem as dificuldades, os ecologistas constituem o primeiro socorro ao qual se recorre para achar um remédio.

Enquanto os «conservacionistas» têm pressionado certas sociedades no sentido de deixarem às gerações futuras a possibilidade de escolher entre as diferentes afetações dos recursos e de não excluir de antemão as soluções possíveis, os nossos difamadores têm apoiado medidas que eliminam essa possibilidade de optar.

Enquanto os «conservacionistas» têm demonstrado os efeitos destruidores da poluição química, os seus contestadores parecem prestes a considerar que aqueles são o preço — mas somente uma parte do preço — o que convém não esquecer — com que pagamos o chamado crescimento econômico, a ampliação dos mercados ou simplesmente da atividade econômica pura e simples.

Alguns dirigentes têm ouvido essas advertências, porém, de modo geral, bem pouca atenção tem sido a elas prestada. Gente demais cre que a tecnologia e a ciência darão a tempo as soluções de emergência. É o que falta ainda a provar de uma maneira convincente.

O mundo confronta-se agora com a amarga realidade de uma crise de energia. É um fato cujo impacto é suficiente para convencer os mais céticos de que o crescimento tem os limites.

Pode-se esperar que os responsáveis de quem depende o destino do mundo tirem as lições dessa crise, lições aquelas que nos dá a natureza e que se aplicam com a mesma intensidade às sociedades humanas e aos seus sistemas, como se aplicam ao mundo natural.

Os ecologistas sabem: um grupo de seres vivos que se torna próspero demais — pelo menos quantitativamente — tende a se destruir pela inércia de sua massa e a incapacidade de satisfazer as suas necessidades de alimento e de espaço vital. Ter-se-ia tornado a humanidade demasiadamente próspera?

Os ecologistas sabem que a diversidade é a fonte da força. Não se tornaram os nossos sistemas econômicos com demasiada exclusividade dependentes de algumas poucas matérias primas? Não teríamos colocado ovos demais no mesmo cesto? Não arriscamos no jogo uma parada grande demais? Não estamos contando demasiadamente com as nossas próprias forças?

Infelizmente, a resposta a todas essas perguntas parece ser «sim».

Durante pelo menos vinte anos, os «conservacionistas» têm anunciado que caminhávamos ao encontro das formidáveis dificuldades no campo da energia e da produção. Essas advertências encontram a sua justificativa hoje e o futuro parece sombrio para uma grande parte do mundo industrializado.

Os «conservacionistas» não devem cansar de repetir que usina alguma, laboratório algum poderá encontrar uma resposta imediata, nem uma panacéia, nem as soluções mágicas de última hora para o esgotamento dos recursos...

Não devemos depositar as nossas esperanças no medo pânico de uma extensão dos danos causados ao ambiente nem às retificações minimizantes do oportunismo mercantil que parece ser a primeira modalidade de uma reação em face da crise.

Pode-se apenas esperar que os homens e as nações compreendam a urgência e a necessidade imperiosa de começar honestamente a praticar uma política de conservação em todos os seus aspectos criadores. Reajustar as nossas prioridades, por fim ao esbanjamento, reduzir substancialmente os nossos índices de consumo, instaurar a reciclagem das matérias primas, bem como a restauração e a recuperação do ambiente, planejar todas as nossas atividades, eis os objetivos que devem agora fixar as nossas sociedades, no seio das quais desde há muito perdeu-se o contato com a terra. A longo prazo, a humanidade deverá encontrar um

meio da convivência num equilíbrio dinâmico com a sua única fonte de poder: a Natureza.

Como de costume, os difamadores da conservação censurarão esses objetivos como simplistas e demasiadamente revolucionários em relação às necessidades «práticas» do momento. Nenhum «conservacionista» pretende que seja fácil atingi-los, enquanto tantos esforços tem sido despendidos no sentido contrário. No entanto, ainda há tempo para fazer emprego destas idéias.

Pode o mundo ainda esperar? Talvez, mas com o risco de ter que enfrentar transtornos e obstáculos ainda maiores, até que por fim essa irremediável conversão for empreendida.

Fonte: Bulletin de l'Union Internationale pour la Conservation de la Nature et de ses Ressources, Nouvelle série, Vol. 5, n.º 1, janeiro, 1974.